

Ferramentas de Design Participativo aplicadas em estudos sobre Habitações de Interesse Social.

Participatory Design Tools applied in studies on Social Housing.

Isadora Gomes Prearo, Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Isadora.prearo@ufu.br

Sofia Sardelli Wagatsuma, Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Sofia.wagatsuma@ufu.br

Nathália Silva Souza, Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Nathalia.souza1@ufu.br

Rodrigo Argenton Freire, Professor Doutor, Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Rodrigo.freire@ufu.br

05

Resumo

Este estudo apresenta uma Revisão de Escopo que analisa a aplicação de ferramentas e métodos do Design Participativo (DP) e Design Centrado no Humano na Avaliação Pós-Ocupação (APO) de Habitações de Interesse Social (HIS) no Brasil. Por meio de uma revisão sistemática de estudos de caso, predominantemente vinculados ao Programa Minha Casa Minha Vida, investigou-se como essas técnicas medem a satisfação dos moradores e identificam falhas nos projetos em atender suas necessidades. Os resultados categorizam as ferramentas em três abordagens principais: questionários e entrevistas, ferramentas digitais, e ferramentas visuais e tangíveis. Verificou-se que, embora o uso isolado de questionários e entrevistas tradicionais possa ser limitado, sua combinação com ferramentas físicas e colaborativas, como maquetes e toolkits, é essencial para promover uma escuta ativa e uma participação efetiva dos usuários, evidenciando o potencial do DP em romper com a padronização e massificação dos projetos habitacionais.

Palavras-chave: Habitação Social; Design Participativo; Design Centrado no Humano; Transformação Social.

Abstract

*This study presents a Scoping Review that analyzes the application of Participatory Design (PD) and Human-Centered Design methods and tools in Post-Occupancy Evaluation (POE) of Social Housing (SH) in Brazil. Through a systematic review of case studies, predominantly linked to the Minha Casa Minha Vida Program, it investigated how these **techniques** measure residents' satisfaction and identify shortcomings in projects in meeting their needs. The results categorize the tools into three main approaches: questionnaires and interviews, digital tools, and visual and tangible tools. It was found that, although the isolated use of traditional questionnaires and interviews may be limited, combining them with physical and collaborative tools, such as models and toolkits, is essential to promote active listening and effective user participation, highlighting the potential of Participatory Design to break away from the standardization and massification of housing projects.*

Keywords: Social Housing; Participatory Design; Human-Centered Design; Social Transformation.

1. Introdução:

A produção de Habitações de Interesse Social (HIS), no Brasil, tem sido criticada pela massificação, padronização excessiva, baixa qualidade dos materiais e projetos que não atendem aos diferentes perfis familiares e ao conforto ambiental mínimo (Villa *et al.*, 2016). Em nível de projeto, é raro observar a inclusão dos usuários nas etapas de tomada de decisão (Dalla Vecchia, 2022.). Em muitos casos, mesmo a Avaliação Pós-Ocupação (APO), consolidada no contexto brasileiro, limita-se a uma compreensão superficial dos problemas ao limitar-se a simples consulta aos usuários.

Uma alternativa apontada para enfrentar esses desafios é o Design Participativo (DP). O DP é definido como uma abordagem metodológica que desloca o utilizador final da posição de observador para o papel de colaborador do processo de projeto (Di Russo, 2016; Moraes e Santa Rosa, 2012.), e reconhece que projetistas e usuários possuem maneiras distintas de perceber e interagir com o ambiente e as pessoas (Moraes e Santa Rosa, 2012). Baseado na premissa de que aqueles que vivenciam os espaços ou produtos são os detentores do conhecimento mais profundo sobre as suas próprias necessidades, a abordagem participativa utiliza ferramentas colaborativas e espaços de diálogo, a fim de democratizar o processo de decisão, alinhados com a realidade e a cultura dos grupos envolvidos (Pezzini *et al.*, 2018).

A literatura indica que o Design Participativo (DP), enquanto abordagem estruturada, surge durante as décadas de 1960-1970, impulsionado por sindicatos de trabalhadores que reivindicavam maior participação nas tomadas de decisão sobre as condições de trabalho (Ehn, 2017). Nomes como Kristen Nygaard, Olav-Terje Bergo e Pelle Ehn são conhecidos pela criação dos conceitos e nos métodos do design participativo. Ao mesmo tempo, no campo da arquitetura, Lucien Kroll, Ralph Erskine e Christopher Alexander exploraram os processos participativos na arquitetura habitacional e planejamento urbano (Pezzini *et al.*, 2018). Embora outros termos, como *Human Centered Design* e *Codesign* (Pezzini *et al.*, 2018) sejam empregados para se referenciar a processos participativos, com diferentes abordagens e níveis de participação, neste trabalho o termo DP se refere ao conjunto de práticas voltadas a inclusão do usuário no processo de projeto ou APO.

Diversos estudos apontam o potencial que os processos participativos apresentam no contexto da HIS (Imai; Fabrício, 2019; Dalla Vecchia, 2022.). Embora alguns trabalhos busquem catalogar as ferramentas existentes (Mandola; Imai, 2020; Caixeta *et al.*, 2019), não há um entendimento claro que quais ferramentas são priorizadas nos processos de cocriação em HIS ou APO, e em quais situações cada uma das ferramentas resulta em uma melhor leitura do contexto. Nesse sentido, o presente estudo busca compreender como se caracteriza o DP no contexto das HIS, ou seja, quais ferramentas são utilizadas, em quais situações e quais suas implicações.

Em um primeiro momento, apresenta-se a abordagem metodológica do estudo – a Revisão de Escopo – e os critérios adotados para seleção dos estudos. Em seguida, os resultados são agrupados em três abordagens principais: questionários e entrevistas, ferramentas digitais, e ferramentas visuais e tangíveis. Por fim, o estudo discute o cenário atual do DP em HIS e apresenta um contexto amplo sobre o uso das diferentes ferramentas.

2. Metodologia de Pesquisa:

O presente estudo caracteriza-se como uma Revisão de Escopo (*Scoping Review*), delineada para mapear os principais conceitos e métodos que fundamentam a interseção entre Habitação de Interesse Social (HIS) e Design Participativo no contexto brasileiro. A estrutura da revisão seguiu o protocolo apresentado a seguir:

2.1 Estratégias de Busca e Fontes de Dados

1 – Bases de Dados Científicas:

A busca principal concentrou-se no Portal de Periódicos CAPES e no Google Scholar (via *Harzing's Publish or Perish*). A estratégia de busca utilizou combinações dos seguintes termos em português: “Habitação de Interesse Social” (HIS) e “Habitação social” associado a termos como “Design Participativo”, “cocriação” e “codesign”.

O critério inicial de inclusão para esta primeira etapa compreendeu o recorte temporal entre 2004 e 2025. Nesse momento, foram identificados 436 registros dos quais 116 eram duplicados. Os 320 registros restantes estão organizados e disponibilizados na plataforma *Zenodo* - removido para revisão por pares -. Em um segundo momento, foi realizada uma filtragem a partir do título dos trabalhos. Nesse momento, buscou-se identificar se os trabalhos estavam relacionados com aspectos relacionados à habitação e/ou processos participativos (codesign/cocriação). Essa filtragem resultou em 69 trabalhos que tiveram os seus resumos lidos.

A leitura dos resumos compreende a etapa necessária para verificar a aderência dos trabalhos ao escopo da pesquisa. Aqui, foram excluídos trabalhos que mencionam a habitação em um contexto mais amplo, incluindo políticas de habitação social, que não indicavam o uso ou análise de processos participativos (Movimento tiny house no Brasil: influências, adaptações e desafios em relação ao contexto internacional - Miolo, 2025), trabalhavam com a participação em outros contextos (Design Social e Relações de bem-estar em pequenas

comunidades locais design de comunicação como ferramenta de transformação social – de Castro Fernandes Farmhouse Coimbra, 2018), e trabalhos finais de graduação e mestrado. Nesse momento, teses de doutorado foram mantidas. Por fim, foram identificados 35 artigos aptos a leitura completa. Em seguida, os trabalhos foram lidos parcialmente ou integralmente seguindo os critérios apresentados no Quadro 1. Finalmente, foram identificados 15 trabalhos compatíveis com o objetivo deste estudo, dos quais um se trata de uma Revisão Sistemática da Literatura (RSL) (Mandola e Imai, 2020).

Quadro 1: Critérios de Inclusão e Exclusão a partir da leitura dos resumos.

Inclusão	Exclusão
Processos participativos em projeto de HIS ou HS (ou habitações de baixo custo)	Restrito às políticas públicas de habitação social
Contexto brasileiro	Trabalhos Finais de Graduação e Dissertações de Mestrado
Indicação de uso de ferramentas de projeto participativo	Edificações diferentes de habitação (ex. Saúde)
Uso de termos como codesign, co-criação, projeto participativo	
Periódicos, Teses de Doutorado e Trabalhos Completos de Eventos científicos	
Revisão por Pares	

3. Resultados e Considerações:

A investigação de artigos com temática “ferramentas de design participativo aplicado em estudos sobre habitações de interesse social” revelou um número limitado de estudos que aplicam tal metodologia colaborativa na fase de concepção de HIS no contexto brasileiro. A maior parte das abordagens identificadas se concentra em métodos qualitativos e tangíveis, sendo a participação, em muitos casos, limitada ou focada em etapas específicas de projeção ou pós-ocupação.

A predominância de ferramentas de design participativo aplicadas em moradias sociais encontradas são:

Quadro 2: Ferramentas identificadas.

Abordagem	Ferramentas	Descrição	Referências
-----------	-------------	-----------	-------------

1	Questionários estruturados, Entrevistas, Grupo Focal e Walkthrough	Coleta de dados verbais ou escritos sobre satisfação, vistorias técnicas guiadas e discussões mediadas para captar questões subjetivas e comportamentais.	Villa, Saramago e Garcia (2016); Zalite e Imai (2017); Bonates; Lopes e Pereira, (2019)
1,2	Questionários on-line (Google Forms)	Formulários digitais sobre perfil e satisfação, e chamadas de vídeo (WhatsApp/Jitsi) pautadas no diálogo horizontal para identificação de melhorias.	BRIDI et al. (2023); PEZZINI (2017); PEZZINI et al. (2018)
2	Codesign Digital / Algoritmos Participativos e Modelos 3D	Criação de algoritmos generativos para soluções. Uso de modelos 3D imersivos e sobreposição virtual para visualização interativa. Configurador digital paramétrico para projetos de ampliação dentro de limites técnicos e legais.	BACKHEUSER (2020); DALLA VECCHIA (2022); VILLA, SARAMAGO e GARCIA (2016)
2	APO Digital (tablet e web), <i>Self-filming</i> e fotografias (WhatsApp)	Sistema cliente-servidor para coleta de dados in loco via tablets e registro espontâneo de vídeos e fotos pelos moradores sobre problemas nas habitações enviados via aplicativo.	VILLA, SARAMAGO e GARCIA (2016); BRIDI et al. (2023)
3	Toolkits e Cartas	Kits Físicos e/ou conjunto de cartas para priorização ou lúdicas (soluções de design). Plantas baixas para marcação, etiquetas coloridas (tags)	BRIDI et al. (2023); PEZZINI (2017); PEZZINI et al. (2018);
1, 3	Metodologias Integrativas (Roda de Diálogo, Biomapa, Teatro, Oficinas e Jogos)	Dinâmicas de grupo, mapeamento coletivo, encenações e jogos conceituais que utilizam a emoção e o corpo para o diagnóstico comunitário. Discussões em grupo utilizando cartas para adjetivar a habitação.	ROCHA e MOURA (2016); OLIVEIRA (2025); VILLA, SARAMAGO e GARCIA (2016); VILLA (2010)
3	Levantamento fotográfico, Observação e Croquis	Registro sistemático por fotos e desenhos manuais da ocupação real das unidades e alterações feitas pelos moradores.	BRIDI et al. (2023); PEZZINI (2017); BONATES, LOPES e PEREIRA (2019)
3	Modelos Físicos (Maquetes, Protótipos em escala 1:10, 1:20 e 1:1)	Modelos tridimensionais (impressão 3D ou corte a laser) com peças flexíveis ou ajustáveis que permitem simular mudanças de layout e mobiliário.	RODRIGUES e IMAI (2019); IMAI et al. (2015); ZALITE; IMAI (2017);

Fonte: Os autores (2026)

Dentre os estudos identificados, um compreende uma RSL. Mandola e Imai (2020) buscaram identificar ferramentas potenciais para processos colaborativos em HIS. Para isso, realizaram uma ampla revisão da literatura no contexto nacional e internacional não limitada ao contexto

das HIS. Embora não utilizado na classificação proposta no Quadro 2, o estudo evidencia aspectos importantes para a discussão deste presente trabalho.

De forma geral, foi possível identificar três (3) tópicos principais associados à inclusão do usuário nas etapas de projeto (concepção e melhoria) e APO. Destacam-se o (1) uso de questionários e entrevistas, (2) a adoção de ferramentas digitais e (3) o uso de ferramentas visuais e físicas.

A análise dos estudos revela que ferramentas como entrevistas, estruturadas ou não, e questionários, continuam sendo amplamente utilizados no contexto das HIS. Em geral, os questionários são adotados para identificar os perfis socioeconômicos dos moradores (Bonates *et al.*, 2019), quantificar o nível de satisfação dos usuários em APOs (Villa *et al.*, 2016), ou em conjunto com outras ferramentas, para avaliar cenários ou preferências projetuais (Pezzini, 2017; Zalite e Imai, 2017). Bridi *et al.* (2023, 2024), por sua vez, avançam ao adotar a entrevista reflexiva como ferramenta do processo participativo, o que amplia a conexão entre os participantes.

No âmbito das ferramentas digitais, destacam-se o uso de modelos tridimensionais digitais e simuladores (RA e RV) mencionados por Mandola e Imai (2020), modelagem paramétrica (Backheuser, 2020; Dalla Vechia, 2022) e outras ferramentas como vídeos, fotografias e software APO (Villa *et al.*, 2016; Bridi *et al.*, 2023). Backheuser e Dalla Vechia desenvolvem estratégias diferentes. Enquanto Backheuser propõe um modelo paramétrico para a geração de um grande volume de opções arquitetônicas, em nível de prova de conceito, e restrito ao uso de um *software* computacional (*Rhino3D + Grasshopper*). Dalla Vechia, por sua vez, foca em projetos de ampliação de HIS existentes. Para isso, propõe um sistema de codesign suportado por uma plataforma digital na qual os usuários podem realizar modificações em uma habitação e receber um *feedback* do poder público e técnicos quanto às restrições legais. Por fim, as fotografias e vídeos (*self-filming*) compartilhados por meios digitais de comunicação foram utilizados para o registro dos especialistas e como alternativa durante o período da COVID-19 (Bridi *et al.*, 2023).

As ferramentas visuais e tangíveis compreendem aquelas que permitem a manipulação/visualização dos usuários por meio de maquetes físicas (Rodrigues; Imai, 2019; Imai *et al.*, 2015; Zalite e Imai, 2017), plantas e outros tipos de representação, como croquis,

plantas (Bridi *et al.*, 2026, Bonates *et al.*, 2019) e fotografias *in loco* (Pezzini, 2017). Além disso, inserem-se nesse tópico as ferramentas que pressupõem uma participação mais ativa dos envolvidos, seja por meio de jogos (Oliveira, 2025), *toolkits* (Pezzini *et al.*, 2018), cartas (Bridi *et al.*, 2023), etc.

Discussão e Conclusão:

De modo geral, as Habitações Sociais são construídas de forma padronizada por uma questão de conveniência, tanto por parte das construtoras que realizam os projetos, pela facilitação de execução, quanto por parte do financiador e do poder público, que dessa forma, investem um menor valor (Imai; Fabricio, 2019). Entretanto, esta visão simplista da realidade não abrange as necessidades de todos os residentes dessas habitações, principalmente quando é considerado que o núcleo familiar mudou de forma significativa, englobando famílias monoparentais, casais sem filhos, com idosos, entre outros (Zalite; Imai, 2017).

Assim como as plantas residenciais não são, em sua maioria, desenhadas para a diversidade dos núcleos familiares brasileiros, os móveis tradicionais também não são pensados para espaços menores. Diante disso, é possível perceber que o espaço reduzido e distribuído de forma insatisfatória não é o único obstáculo enfrentado pelos participantes (Rodrigues; Imai, 2019). O mobiliário, muitas vezes incompatível com o espaço da habitação, por vezes dificultam a circulação ou, até mesmo, a sua utilização. Isso explica por que parte dos estudos encontrados abordam a questão do mobiliário (Pezzini, 2017).

As ferramentas identificadas na literatura apontam para uma abordagem metodológica diversificada. Entrevistas e questionários, mais tradicionais no âmbito da APO, contribuem para uma primeira etapa dos processos participativos, permitindo identificar o perfil socioeconômico das famílias e, em alguns casos, registrar possíveis desejos e problemas enfrentados pelos moradores (Pezzini *et al.*, 2018; Pezzini, 2017). No entanto, podem se mostrar superficiais para compreender a realidade quando não associadas a processos de reflexão. Por esse motivo, entrevistas reflexivas permitem não apenas a “*identificação de oportunidades de melhorias, como para a criação de vínculo*” (Bridi *et al.*, 2023). Além disso,

é comum estarem associadas a outras ferramentas visuais e tangíveis a fim de facilitar o diálogo. Exemplos desse tipo de combinação são usados para registrar a disposição de mobiliários e eletrodomésticos, mapear fluxos, hierarquias de uso e preferências por materiais e acabamentos (Bonates *et al.*, 2019). Esse entendimento permite obter informações que refletem com maior fidelidade o modo como a unidade habitacional é, ou será, efetivamente ocupada. Complementarmente, o uso de baralhos ou toolkits (Pezzini *et al.*, 2018; Pezzini, 2017; Bridi *et al.*, 2023) favorece a coleta de dados subjetivos em ambientes de maior confiança, permitindo que o usuário expresse percepções e expectativas com mais liberdade, enquanto o pesquisador observa o contexto real de uso.

Em relação às ferramentas digitais, os estudos apontam que elas permitem maior agilidade ao processo participativo, permitindo que o usuário visualize ou gere soluções mais complexas. O uso de algoritmos e parametrização representa um avanço para a customização em massa (Backheuser, 2020; Dalla Vecchia, 2022). Na perspectiva da participação, no entanto, podem apresentar barreiras relacionadas à complexidade técnica e limitações de interatividade com usuários leigos (Backheuser, 2020), limitações de Hardware e distração visual (Dalla Vecchia, 2022), quando as renderizações fotorealistas distraem os usuários dos aspectos importantes.

As maquetes físicas e a prototipagem, por sua vez, atuam como mediadoras entre o projeto técnico e a compreensão do morador (Rodrigues; Imai, 2019; Imai *et al.*, 2015; Zalite; Imai, 2017). Ao converter ideias abstratas em modelos tridimensionais, essas ferramentas permitem que os usuários interajam diretamente com a representação de sua futura moradia, reorganizem os ambientes e realizem simulações de circulação com o uso de bonecos, ainda que alguns usuários se sintam desconfortáveis em operar os modelos (Imai *et al.*, 2015). Os estudos indicam que tais simulações são essenciais para avaliar, ainda na fase de concepção, como a arquitetura interfere nas atividades diárias (Dalla Vecchia, 2022), sendo observada maior facilidade de uso e preferência pelas maquetes na escala 1:10 em relação às de 1:20 (Rodrigues; Imai (2019); Imai *et al.* (2015); Zalite; Imai (2017)). As experiências avaliadas demonstram que os modelos tridimensionais físicos contribuíram para a compreensão dos participantes, ajudando-os a visualizar o projeto como um todo, pensar em soluções e dar

mais liberdade de manuseio, o que se contrapõe aos modelos digitais. Dessa forma, podemos considerar o importante papel que esses modelos físicos assumem dentro de um projeto participativo ainda que desafios relacionados à deformação da percepção, em função da escala, logística e manutenção tenham sido apontados (Rodrigues; Imai, 2019; Imai *et al.*, 2015).

Observa-se que os métodos e ferramentas do Design Participativo contribuem nos casos de APO, ainda que o intuito seja exclusivamente de diagnóstico. Os questionários e entrevistas, comuns em APOs, se mostram limitados em gerar uma compreensão mais aprofundada do contexto de cada habitação. O uso isolado dessas ferramentas não possibilita a participação efetiva, limitando-se a obtenção de informações genéricas ou consulta de preferências (Villa, 2010). Segundo os níveis de participação proposto por Arnstein (1969), trata-se de mero tokenismo. Portanto, a sua associação com outras ferramentas, preferencialmente físicas e tangíveis, é crucial para que os resultados sejam os mais colaborativos possíveis. Nos estudos apresentados, o uso de maquetes físicas e modelos digitais demonstra ampliar as possibilidades de diálogo entre usuários e profissionais ainda que cada abordagem possua suas limitações, conforme já apresentado.

Por fim, este estudo buscou compreender o atual cenário dos processos participativos em HIS no contexto brasileiro. As limitações do estudo se referem ao número reduzido de produções acadêmicas identificadas. No entanto, ao longo da pesquisa foi possível observar um número significativo de trabalhos de conclusão de curso (TCCs) e dissertações de mestrado que abordam a temática, excluídos do processo de análise, sugerindo, assim, um possível campo de investigação futura. Além disso, a presente pesquisa evidencia o potencial do design participativo e suas ferramentas mais contemporâneas em romper com a massificação recorrente nos projetos de HIS, ao buscar compreender a individualidade que envolvem o ato de morar.

Embora o estudo apresente limitações devido ao volume reduzido de produções acadêmicas consolidadas e à exclusão de trabalhos de graduação, a investigação contribui significativamente ao sistematizar um panorama de metodologias voltadas à humanização da arquitetura social. A principal contribuição deste trabalho reside na demonstração de que a

integração entre ferramentas físicas e digitais aprimora o diagnóstico puramente técnico, fortalecendo o vínculo entre projetista e morador. Contudo, ressalta-se que a eficácia dessas estratégias depende da superação de barreiras tecnológicas, como a complexidade de softwares para usuários leigos, e da rejeição de processos meramente consultivos que não resultem em uma colaboração real e efetiva.

Referência:

BACKHEUSER, Luiz Alberto Fresl. Algoritmos participativos: uma ferramenta computacional de produtividade. 2020. 211 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

BONATES, Mariana Fialho; LOPES, Bruna Sandrelle Correia; PEREIRA, Ivanilson Santos. Conociendo modos de vivienda para proyectar HIS: una experiencia de atelié. Revista Projetar: Projeto e Percepção do Ambiente, Natal, v. 4, n. 2, p. 23-36, 2019.

BRIDI, Marcelle Engler et al. Identificação de oportunidades de melhorias em habitações sociais existentes na primeira etapa de um Living Lab durante a pandemia da Covid-19. Ambiente Construído, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 93-111, jan./mar. 2023. DOI: 10.1590/s1678-86212023000100651.

CAIXETA, Michele Caroline Bueno Ferrari; TZORTZOPOULOS, Patrícia; FABRICIO, Márcio Minto. User involvement in building design – a state-of-the-art review. Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, São Paulo, v. 26, n. 48, e151752, 2019. DOI: 10.11606/issn.2317-2762.posfau.2019.151752.

DALLA VECCHIA, Luisa Rodrigues Félix. Sistema de customização em massa para a melhoria da qualidade projetual de ampliações de casas no contexto de HIS. Gestão & Tecnologia de Projetos, São Carlos, v. 17, n. 4, p. 54-82, 2022. DOI: 10.11606/gtp.v17i4.196738.

DI RUSSO, Stefanie. Understanding the behaviour of design thinking in complex environments (Tese). Programa de Pós-graduação em Design. Swinburne University of Technology, Melbourne, 2016.

EHN, Pelle. Learning in participatory design as I found it (1970–2015). In: Participatory Design for Learning. Routledge, 2017. p. 7-21.

IMAI, Cesar & Fabricio, Márcio Minto. (2019). DESENVOLVIMENTO DE MODELO FÍSICO DE SIMULAÇÃO ESPACIAL EM PROJETOS DE HIS. Ambiente Construído, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 423-440. ISSN 1678-8621 Associação Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído. <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-86212020000100382>

IMAI, Cesar et al. O modelo tridimensional físico como instrumento de simulação na habitação social. Gestão & Tecnologia de Projetos, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 7-19, jul./dez. 2015. DOI: 10.11606/gtp.v10i2.101782.

MANDOLA, Juliana Bambini; IMAI, Cesar. Instrumentos utilizados no processo de co-design. In: ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 18., 2020, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: ANTAC, 2020.

MORAES, Anamaria; SANTA ROSA, José. Design participativo: técnicas para inclusão de usuários no processo de ergodesign de interfaces. Rio de Janeiro: Rio Books, 2012

OLIVEIRA, Allyneanhy Gade Nunes Alves. A relação entre o papel da educação popular e o design participativo aplicada à assessoria técnica de habitação de interesse social (ATHIS). Inter-Ação, Goiânia, v. 50, n. 1, p. 438-446, jan./abr. 2025. DOI: 10.5216/ia.v50i1.79561.

PAOLIELLO, Piera Consalter; HEEMANN, Adriano. Abordagens colaborativas orientadas a projetos sociais: situação teórica e perspectivas. In: ENCONTRO DE SUSTENTABILIDADE EM PROJETO (ENSUS), 6., 2018, Florianópolis. Anais... Florianópolis: UFSC, 2018.

PEZZINI, Marina Ramos. Contribuição do design centrado no humano para o projeto do mobiliário doméstico em apartamentos compactos. 2017. 248 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

PEZZINI, Marina; SCHULENBURG, Roy; ELY, Vera H. M. B. Toolkit de design centrado no humano para o mini morar. Design & Tecnologia, Porto Alegre, n. 15, 2018.

ROCHA, Heliana Faria Mettig; MOURA, Maria Suzana. Metodologias integrativas em projetos de assistência técnica para comunidades urbanas. RIGS: Revista Interdisciplinar de Gestão Social, Salvador, v. 5, n. 1, p. 153-166, jan./abr. 2016.

RODRIGUES, Rodrigo & Imai, César. OS IDENTIFICAÇÃO DE DEMANDAS DE PROJETO EM APARTAMENTO PARA USUÁRIOS IDOSOS POR MEIO DE MODELOS FÍSICOS. Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 85–99, 2019. DOI: 10.21680/2448-296X.2019v4n1ID16771.

VILLA, Simone Barbosa; SARAMAGO, Rita de Cássia Pereira; GARCIA, Lucianne Casasanta. Desenvolvimento de metodologia de avaliação pós-ocupação do programa minha casa minha vida: aspectos funcionais, comportamentais e ambientais. Brasília; Rio de Janeiro: Ipea, 2016. (Texto para Discussão, n. 2234).

VILLA, Simone Barbosa. A APO como elemento norteador de práticas de projeto de HIS. O caso do projeto [MORA]. In: CONGRESSO INTERNACIONAL (DA) HABITAÇÃO NO ESPAÇO LUSÓFONO (CIHEL), 1., 2010, Lisboa. Anais... Lisboa: ISCTE-IUL, 2010.

ZALITE, Marcela Gomes de Albuquerque; IMAI, César. O modelo físico ajustável para a identificação das prioridades dos usuários de habitação de interesse social. PARC Pesquisa em Arquitetura e Construção, Campinas, v. 8, n. 1, p. 20-31, mar. 2017. DOI: 10.20396/parc.v8i1.8649670.